



## RESISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E PERTENCIMENTOS: MULHERES NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS EM UM CAMPUS DO SEMIÁRIDO SERGIPANO

Ciaria de Aguiar Freitas Varjão<sup>1</sup>  
Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Objetiva-se apresentar, nesse artigo, informações sobre inserção e representatividade de mulheres que constituem as discentes de um Campus universitário no semiárido sergipano, voltado exclusivamente às Ciências Agrárias, área considerada no país ao longo dos anos de domínio masculino. A partir dos marcadores gênero, raça / etnia e local de origem, busco traçar um perfil social dessas mulheres, bem como trazer discussões sobre o que representa ter maior presença feminina nas Ciências Agrárias. Ancorada em vários estudos que discorrem sobre a importância de visibilizar a participação e contribuições das mulheres no meio acadêmico, assim como as barreiras que as colocam à margem do processo de produção do conhecimento, procuro problematizar os desafios de mulheres pertencentes ao território do qual o Campus faz parte, por se tratar de um local com fortes influências rurais, onde ainda se encontra um saber-fazer centralizado no progenitor masculino que lhe dá autoridade de definir o aprender-fazer da mulher e filhas(os). Frente a essa hierarquia familiar, definida pela transmissão do saber, pontuo a necessidade de compreender em que medida as estudantes sertanejas são afetadas tanto dentro como fora do Campus em suas atividades de formação, pesquisa e extensão. Com um olhar direcionado para as estudantes de outros territórios, volto para o significado da mobilidade para àquelas que saem de seus locais de origem em busca da escolarização, podendo gerar uma experiência, mesmo que transitória, de uma vida autônoma em relação à família, além de permitir novas sociabilidades e subjetividades.

**Palavras-chave:** Mulheres, Ciências Agrárias, visibilidades, ruralidade.

### Introdução

O presente artigo objetiva apresentar um estudo quantitativo sobre mulheres estudantes de quatro cursos de Ciências Agrárias do Campus do Sertão da Universidade Federal de Sergipe (Campusser / UFS) e a partir dos dados, traçar discussões em torno da presença e participação de mulheres nas Ciências Agrárias, cuja área era considerada de domínio masculino.

Busco identificar as mulheres estudantes do Campus do Sertão da UFS e dentre estas, volto-me às mulheres do Alto Sertão Sergipano, sobretudo, porque esse Campus, criado em 2015, é fruto da demanda dos movimentos sociais e da reivindicação política do território Alto Sertão Sergipano por uma universidade pública (COSTA E NETTO, 2018). Sendo a única e recente universidade pública neste território, revelar o quantitativo é importante

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe - UFS, pesquisadora do XiqueXique: Grupo de pesquisa sobre Gênero e Diversidade UFS/CNPq, [ciafreitas@yahoo.com.br](mailto:ciafreitas@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Pós-doutora, coordenadora do XiqueXique: Grupo de pesquisa sobre Gênero e Diversidade UFS/CNPq Universidade Federal de Sergipe - UFS, [patriciarosalba@gmail.com](mailto:patriciarosalba@gmail.com).



porque os números dizem muito sobre quem compõe o Campus por permitir, a partir da análise dos dados, compreender ao longo do Mestrado, as questões relacionadas aos significados do estar e ser mulher nas ciências agrárias, levando em consideração aspectos relacionados ao contexto de onde elas se originam, o impacto da mobilidade sobre às suas vidas ao terem que deslocar-se dos locais de origem para estudar e dos ritos de passagem de mulheres estudantes secundaristas para universitárias de áreas consideradas de domínio masculino.

Ao analisar os dados, percebi que as mulheres são em maior número entre os discentes do Campus, 84,18% delas se autodeclararam pardas e pretas e 82,39% estão na faixa etária de até 25 anos (UNIVERSIDADE, 2018). Constituem, portanto, uma geração que nasceu junto com um bojo de discussões no País que discorrem de temas muito caros para todos nós: machismo, misoginia, discriminação racial, homofobia, entre outros que levaram a elaborações de políticas públicas.

Saber o quantitativo é um passo (necessário) para que se compreenda quais mudanças qualitativas essas mulheres vêm provocando tanto no interior dessa universidade, quanto nas suas vidas pessoais e meio sócio familiar.

## **Metodologia**

As informações aqui contidas foram coletadas nos meses de março a agosto do presente ano a partir da pesquisa documental à base de dados da Universidade Federal de Sergipe, a partir dos marcadores sexo, origem étnica, naturalidade e faixa etária. Durante esse período, me coloquei a refletir sobre o processo de construção da alteridade, uma vez que, além de ser mulher, componho o quadro técnico dessa universidade e atuo na área das ciências agrárias. Foi (e tem sido) um exercício necessário “estranhar o familiar” e colocar-me na escuta das interlocutoras no ambiente em que trabalho.

## **Teorizando sobre mulheres na construção de saberes dentro e fora da Universidade**

Ao dedicar-me a discutir sobre mulheres no campo científico, o meu ponto de partida é salientar a importância de demarcar a existência de saberes das mulheres, das pluralidades de conhecimentos existentes entre elas, excluídas e silenciadas com o advento da ciência moderna, alicerçada nos princípios da racionalidade, objetividade e neutralidade.

A racionalidade impõe uma lógica de classificação social, que hierarquiza racial e sexualmente as pessoas. Por ser uma racionalidade arrogante, não percebe as diferentes

formas de viver, saber e ser e permanecerá sem percebê-las, se não “abandonar a pretensão de porta-voz do outro” e se não ampliar o número de falantes atuantes na produção do conhecimento (MIGLIEVICH - RIBEIRO, 2014).

No campo das ciências agrárias, considerado reduto masculino ao longo dos tempos, as mulheres foram subjugadas e invisibilizadas por representarem a minoria nesse campo. No entanto, apesar de muitas barreiras - sutis e outras explícitas - as mulheres deixaram suas contribuições.

Essas barreiras são evidenciadas nos estudos de latino-americanas como Lúcia Tosi (1998), Luzinete Minella (2013), Carla Cabral (2006), Elizabete Rodrigues da Silva (2008), Hildete Melo (2006), Margareth Lopes (1998), Fanny Tabak (2002), Diana Maffia (2002) e Cecilia Sardenberg (2002).

Nas últimas décadas, apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para adentrarem espaços públicos, temos vivenciado uma presença significativa delas nas universidades.

Em 2016, o número de mulheres matriculadas na educação superior no país, correspondeu a 57,2% (INEP, 2017). Maior presença feminina, entretanto, mascara alguns aspectos relacionados à segregação das mulheres, uma vez que ainda existe uma dificuldade das mulheres acessarem cursos de maior prestígio e melhores remunerações nas universidades (GUEDES, 2008). Ao mesmo tempo, essa presença tem provocado uma reestruturação nas relações entre homens e mulheres, nas hierarquias e no repensar, inclusive, dos currículos. Nesse espaço acadêmico, vão subvertendo a lógica segregadora de que existem áreas de conhecimento consideradas femininas de outras tidas como masculinas, vão transformando a cultura acadêmica e erradicando formas de discriminação e barreiras, muitas vezes, sutis que provocam exclusão. Para tanto, a questão posta é em que proporção a universidade, com seus códigos e normas, símbolos e significados abre, de fato, para a inserção das subalternas, com a vasta diversidade trazida nas suas bagagens.

Embora haja necessidade de desatar as amarras a fim de permitir que o acesso a toda e qualquer disciplina não seja determinada por atributos biológicos associados ao sexo da pessoa, a partir dos valores que determinam o ser mulher na sociedade, as tensões e negociações nas universidades, frutos das transformações geradas com a entrada das mulheres em cursos historicamente com presença masculina, influenciam na construção de novas e fluídas identidades.

Além disso, com a política de interiorização do ensino superior, a partir do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) ampliou as oportunidades de mobilidades das mulheres do interior dos estados em busca da educação superior.

A mobilidade é vista aqui não somente como uma ação, o ato de deslocar-se espacialmente, mas também na inclusão de deslocamentos imaginários, virtuais e de comunicação (URRY, 2007) que permitem sociabilidades e novas subjetividades. Além disso, para Scott (2011) a mobilidade fornece a oportunidade de desvendar os mecanismos de dominação de umas pessoas sobre as outras.

Para as mulheres, a mobilidade em busca da escolarização pode gerar uma experiência, mesmo que transitória, de uma vida autônoma em relação à família, e uma ruptura relativa às regras de apropriação do saber até então experienciadas.

A busca pelo direito ao saber, como bem expressou Michelle Perrot

“não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações [do movimento feminista]. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer” (PERROT, 2006, p. 159).

Compreendo que a universidade, com todos os rituais pelos quais passamos é um bom espaço para nos desconstruirmos e provocarmos novos olhares e estratégias para abriremos fissuras nas estruturas rígidas há muito tempo conhecidas pelas mulheres no espaço acadêmico. E como afirma Haraway (1995) “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular” e, o nosso desejo, é que esse lugar seja, por direito, as ciências agrárias do Campus do Sertão.

## **Resultados e Discussão**

### **O Campus do Sertão e as mulheres sertanejas no Campus**

É do Alto Sertão Sergipano, esse território espacialmente pequeno - marcado por uma complexa teia de relações, como também por antagonismos plurais - que originam mais da metade dos estudantes do Campuser.

Dentre as/os estudantes originários desse território, as mulheres correspondem a quase sessenta por cento, configurando assim uma importante mudança logo que, é muito recente o acesso feminino em áreas de conhecimento consideradas de domínio masculino, e sendo originárias de um território semiárido, composto por 07 municípios com os menores IDHs (índice de desenvolvimento humano) do estado, muitas dessas estudantes teriam dificuldades de manterem-se economicamente no Campus da capital.

Muitas dessas mulheres, agora estudantes universitárias do Alto Sertão, vêm de contextos rurais nos quais vivenciaram (e vivenciam), junto com seus familiares, novas configurações da ruralidade, provocadas pelas relações sociais na luta pela terra que requereram novos papéis em torno da militância, da assistência técnica e representação nos movimentos sociais.

Outras trazem consigo valores femininos socialmente naturalizados, oriundas de contextos familiar-sociais nos quais o poder, muitas vezes, está centrado no progenitor. Ellen Woortmann & Klaas Woortmann (1997) nos mostram que, ao estudar sítios em Sergipe, a autoridade do pai camponês assegura-lhe o detentor do “governo do trabalho” na propriedade, cabendo a ele definir espaços e tarefas próprias para mulher e filhos. Assim, são definidos “circuitos de atividades” masculinos e femininos e a participação da mulher é vista como “ajuda”. Essa definição de quais espaços são próprios às mulheres, nos colocam à margem, não potencializa as nossas ações e conhecimentos, como nos foi revelada por uma interlocutora, estudante do Campus: *“amo estar no meio do gado, mas deixei de correr boi porque meu pai não deixou”*.

O fazer – aprender demonstrado pela interlocutora é governado pelo pai que acredita ser o detentor do saber-fazer. Nesse contexto, a transmissão do saber envolve valores, construção de papéis, etc. (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997)

Frente a essa hierarquia relacionada ao saber e suas formas de transmissão em contextos rurais no Alto Sertão, questões ficam abertas: como as estudantes do Campus, ao lidarem com os agricultores em suas atividades de estágios, pesquisas e extensão serão ouvidas? Quais estratégias são adotadas para que essas mulheres estudantes se coloquem em campo? Além disso, na condição de filhas de agricultores, ao retornarem aos seus ambientes familiares, portando novos conhecimentos, quais tensões e conflitos inter geracionais serão gerados, onde outrora a transmissão do saber estava sob o poder do progenitor que o fazia de forma oral?

Na condição de mulheres universitárias das áreas de agrárias, há possibilidades de um saber que circula horizontalmente entre os membros da família, gerando um poder circulante onde elas passam:

“a operar com e numa sociedade onde todos os sujeitos exercitam e sofrem efeitos de poder, onde homens e mulheres são muitas ‘coisas’ ao mesmo tempo (múltiplas identidades) e, sendo múltiplos, participam de intrincadas redes de poder.” (LOURO, 1997, p.58)

Além do mais, por advirem de um sertão rural, no qual a luta pela terra ao longo de mais de três décadas, transformou este território em um “território camponês”, coexistindo

nele povos tradicionais como os indígenas Xocós e quilombolas Mocambo, novos assentados da reforma agrária, agricultores familiares e ribeirinhas (TANEZINI, 2014), as estudantes são imersas em um mundo de saberes acumulados a partir das relações de trabalho e produções rurais no seio familiar, mas que ao adentrarem no mundo científico, a valorização de suas ideias acumuladas ao longo de oito mil anos de história da civilização podem não acontecer (CABRAL, 2006).

Contudo, nos novos espaços de socialização, dentro e fora da universidade, as mulheres estudantes abrem fissuras, conferindo sentido às novas vivências e contestando os limites estabelecidos, para exercerem o direito de serem o que são e contribuírem com o meio em que vivem

*“domo cavalo bravo!”; “amo estar no meio do gado”; “gosto de vaquejadas e vaqueiros”; “amo vaquejada”; “gosto de cavalo”; “gosto de vida de gado”; “ando a cavalo!”; “sou de agrárias”; “sou futura zootecnista”; “sou engenharia” (interlocutoras do Campus, 2019).*

E é com presença das mulheres do sertão rural, que nesse “território camponês” está se configurando um “território do conhecimento”, graças ao fato de terem uma universidade bem perto de casa, como também, pelo estímulo para que dentre os novos ingressos ao Campus, tenham discentes do Alto Sertão a partir de uma quota de 10% à nota do ENEM. Esses dois fatos conjugados têm possibilitado que mais da metade (52,3%) dos discentes do Campus seja do Alto Sertão, contrapondo a outras universidades que vem muita gente “de fora” (UNIVERSIDADE, 2018).

### **Um Campus com mulheres de outros cantos**

Do contingente total de estudantes nos quatro cursos das Ciências Agrárias do Campus, as mulheres estudantes correspondem a mais da metade (54,22%) oriundas de 08 estados brasileiros (UNIVERSIDADE, 2018). Esses dados revelam uma mudança significativa em torno do ingresso das mulheres em ciências agrárias, logo que esta área foi concebida no país, no final do século XIX, por um viés marcadamente sexista, como argumenta Lopes

Os primeiros cursos da área das Ciências Agrárias no Brasil foram considerados pela sociedade como dirigido aos homens. Constituíam, portanto, profissões que as mulheres não deveriam seguir, segundo os padrões educacionais da época, perpassados pela família, pela escola e por outras instituições sociais e meios de comunicação (LOPES, 2007, p.71).

Maior quantitativo de mulheres nas Ciências Agrárias do Campus sugere que mudanças qualitativas são provocadas nesse ambiente, uma vez que a escolarização é um

importante vetor de mudanças no plano simbólico e nas relações de poder entre homens e mulheres (GUEDES, 2008).

Além disso, as mulheres do Campus, ao saírem de seus locais de origem (somente 25% são do município sede do Campus) podem vivenciar oportunidades provocadas pela mobilidade. (UNIVERSIDADE, 2018).

Scott (2011) assegura que muitas mulheres, ao se interessarem por oportunidades de estudo, veem na mobilidade uma forma de mudar positivamente as suas vidas ao imbricarem em um “novo mundo”.

Nesse “novo mundo”, o mundo universitário, com seus códigos e normas, as mulheres vão desarticulando o mundo pessoal, ao mesmo tempo que são confrontadas por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2006, p.13) e assim, vão assumindo identidades diferentes e temporárias, até mesmo, contraditórias.

Outro aspecto analisado a partir das informações adquiridas referentes à composição das discentes do Campus foi sobre como as mulheres se autodeclararam quanto a identidade étnico-racial. Dentre as estudantes do Campus, 84,18% se autodeclararam pardas e pretas (UNIVERSIDADE, 2018). Diferentes estudos evidenciam que, além de carregarem as marcas culturais por serem mulheres, imbuídas de singularidades e multiplicidades, a combinação de diferentes formas de discriminação sofridas pelas mulheres numa intersecção entre gênero, classe, raça e etnia as afetam para permanecerem na universidade (HIRATA, 2016).

A compreensão sobre a pluralidade que permeia a vida das mulheres universitárias desse Campus, de diferentes origens étnicas, territoriais, geracionais (17,6% das mulheres estudantes somente puderam ter acesso ao ensino superior, por razões diversas, após 25 anos de idade) nos coloca, face a face, com a diversidade (UNIVERSIDADE, 2018).

Posto desta forma, deslocar o olhar para o que as mulheres pensam sobre as relações tecidas no universo da academia, o que elas têm a nos dizer na sua alteridade, possibilita uma visão de educação que abarque as diferenças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presença em maior número de mulheres nas Ciências Agrárias em um Campus do interior de Sergipe representa para mim uma conquista de que estamos rompendo as barreiras, muitas vezes sutis, para ocuparmos diferentes espaços.

Constato que as mulheres estudantes do Campuser são distintas quanto às origens, raça, etnia e geração e vem de diferentes contextos de luta que geram, em muitos casos, assimetrias de poder entre mulheres e homens.

Deparo-me com um campo de investigação muito vasto para que eu possa compreender como se dão as participações das interlocutoras da pesquisa nas negociações que precisam fazer - tanto no interior do Campus quanto no interior das famílias- suas redes de apoio e como as vozes das interlocutoras são ouvidas e visibilizadas no cotidiano de um Campus universitário no interior do país, ao mesmo tempo que, nós, interlocutoras e eu (na condição de mulher pesquisadora) nos transformamos nesse ambiente que, como salienta Bourdieu este campo, o científico, é como “qualquer campo, um campo de forças e um campo de lutas por transformar esse campo de forças” (2002, p.120).

### Referências

BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. In: \_\_\_\_ **Campo de poder, campo intelectual: itinerário de um conceito**. Buenos Aires: Editorial Montessor. 2002.

CABRAL, Carla Giovana. Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado. **Cadernos Pagu**, Campinas- SP, n.27, julho-dezembro de 2006.

COSTA, Patrícia R. S. M. et.al. Rompendo fronteiras e integrando conhecimentos: experiências das ações integradas nas ciências agrárias / UFS no Alto Sertão Sergipano. IN: \_\_\_\_ **Lugares, potencialidades e resistências: terra e povo no São Francisco**. Aracaju: Criação, 2018, p: 97-110.

GUEDES, Moema de Castro. “A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino”. **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, Helena. Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 151-163, 2016.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2016**. Brasília: INEP, 2017. Disponível em: <http://portal.onep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse> Acesso em: 31 mai. 2018.

LIMA, Nadia R. L. de Barros. As mulheres nas Ciências: o desafio de uma passagem- a passagem do privado para o público. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília



Maria B. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 51-65.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: RJ, Vozes, 1997.

LOPES, Conceição. Mulheres pioneiras, mulheres de renome; as engenheiras agrônomas pernambucanas da primeira metade do século XX (Década de 40). **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, Recife, vol. 4, p.65-82, 2007.

LOPES, Maria Margaret. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n.10,1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4689345>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MAFFIA, Diana. Crítica feminista à ciência. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM - FFCH/UFBA, 2002. P. 25-38.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Lígia Maria C.S. **Pioneiras da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 2006

MIGLIEVICH - RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas-Revista de Ciências Sociais** 2014; 14(1):66-80.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Parry. Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência. In: AREND, S.M.; RIAL, C.S.M.; PEDRO, J.M. (orgs) **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. P. 47-66.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

TANEZINI, Theresa Cristina Zavaris. **Territórios em conflito no alto sertão Sergipano**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

TOSI, Lúcia. Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, N.10, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>. Acesso em: 06 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Microdados da Graduação**: COPAC/PROPLAN. São Cristóvão, 2018.

URRY, John. **Mobilities**, Cambridge: Polity Press, 2007.

WOORTMANN, Ellen F., WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da Terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1997. 192 pp.